

Festival de Berlim

Mostra começa em clima de festa

"The Color of Money", do diretor Martin Scorsese, abre hoje o festival que apresentará mais de 650 filmes até o dia 3 de março

LEON CAKOFF

Crítico da Folha de Berlim

O 37º Internationales Filmfestspiele Berlin (Festival Internacional de Filme em Berlim) começa hoje em clima de festa. A cidade comemora 750 anos, sem que a ocasião sirva para livrá-la dos horribles cenários da Segunda Guerra. A sala de imprensa do festival tem todas as máquinas de escrever voltadas para a catedral em escombros, restos do bombardeamento por americanos e soviéticos. Não se vê daqui o símbolo pior e mais indecente da retaliação: o muro de Berlim, dia e noite vigiado pela soldadesca "old fashion" da Alemanha Oriental, que atrai para matar aqueles que tentam pular o muro.

Do ponto de vista comunista, a Berlim Ocidental é um falso brilhante. Para os alemães ocidentais esta é a ilha da fantasia cercada de rigor socialista, onde tudo pode acontecer graças a um contínuo bombardeio de investimentos, que faz "West Berlin" parecer a incansável capital cultural da Europa. É neste ambiente que o cinema se torna a grande estrela até o próximo dia 3 de março.

A programação

O primeiro dia do festival não é sufocante para quem anuncia mais de 650 filmes participantes —competição, mercado e mostras paralelas, de 22 países, em exibição nas treze salas da cidade, e com o recorde de sete mil credenciados, vindos de todas as partes do mundo. "The Color of Money" (A Cor do Dinheiro), de Martin Scorsese, com Paul Newman e Tom Cruise, será o filme inaugural, com a festejada presença de suas estrelas arri-vistas ao esquema de cinema de Hollywood. Na seleção oficial, dois filmes brasileiros serão apresentados. "A Cor de Seu Destino", de Jorge Duran, com sua primeira exibição hoje, mas um pouco à margem dos interesses principais. E "Vera", de Sérgio Toledo, que terá duas apresentações na próxima quarta-feira no Zoo-Palast, principal cinema de Berlim e o preferido de Hitler em seus anos de loucura maior. "A Hora da Estrela" revelou no ano passado, no mesmo festival, a atriz Marcélia Cartaxo. Vamos ver se a atriz Ana Beatriz Nogueira, de "Vera", repete o feito.

Inicialmente a seleção dos filmes da competição não parece muito atraente. Vive-se o signo da liberalização soviética e os reflexos são evidentes na vizinha Berlim. A esperança é que Berlim sempre se caracterizou como um festival cheio de surpresas. Vai ser preciso muita antena ligada (muita paciência também) para detectar sinais do degelo entre os filmes do bloco socialista. "A Toca do Lobo", da tcheca Vera Chytilova, entre os filmes competidores que serão apresentados amanhã, é a primeira amostra das produções do leste europeu. Na sequência, "Máscaras", de Claude Chabrol, com Philippe Noiret, anunciado como um dos grandes da temporada de meia-estação francesa.

Resquícios de Roterdã

Domingo será o dia do norte-americano "Night, Mother", de Tom Moore, com Sissy Spacek e Anne Bancroft, também na mostra competitiva, e do soviético Gleb Panfilov, surrupiado da seleção do último Festival de Roterdã, na Holanda. Confirmando as insinuações maldosas, o curta "Coffee + Cigarettes", do americano Jim Jarmusch, que no último instante deixou de aparecer em Roterdã (o festival que revelou Jarmusch), aparece agora na competição de Berlim.

DÉCIO PIGNATARI

A cor e o tempo

De uma conversa com Fiamminghi —o pintor cuja obra acompanho há mais de trinta anos— brotou a questão enigmática, de resposta improvável, mas de reverberações instigantes: sabe-se, ou imagina-se saber, o que possa ser a cor no espaço —mas o que é a cor no tempo? Para começar do começo, teria que se perguntar: O que é cor? O que é tempo?

Dizia Peirce, o fundador da semiótica, o Marx dos signos, que a pedra é uma consciência que parou no tempo. O nosso infeliz e injustiçado Hermes

Fontes definiu-a, a ela, pedra, de forma admirável: "é um ser que adormeceu a caminho do ser". Quando a luz penetrou a pedra e quando o inorgânico passou ao orgânico (carvão de pedra é pedra? diamante é pedra?), começaram a brotar sóis vivos dentro da matéria, mimese fantástica. Sóis interiores para ler, decodificar, o sol externo: os olhos. Mas é preciso ver olhos onde não há olhos: há olhos na casca de uma banana, na pele e no pêlo, no estômago de um ser unicelular feito só de estômago. A primeira decifra-

ção mecânica da luz deveu-se ao gênio de Newton, que a decompôs com o seu prisma e a recompôs com o seu disco. Coisa admirável! A aparentemente uniforme luz solar, mais ou menos alaranjada, era feita de muitas luzes, as dos espectro irisado, resultantes de variados comprimentos de ondas, dialética dinâmica das diferenças visíveis, fatias de cores no círculo solar, projeções bidimensionais de vibrações ondulatórias que já trazem dentro de si o tempo, que gera o movimento. Embora de modo primitivo, mas genial, o disco de Newton é a roleta do tempo no mundo da luz e da cor. Nesse disco, com o tempo no mundo da luz e da cor. Nesse disco, com o tempo

(movimento), as cores simplesmente desaparecem. Onde a linearidade, onde a simultaneidade, neste caso limite (ou seja, neste princípio científico que rege a qualidade sensível)? O que seria um vermelho na quarta dimensão?

E o tempo? Peirce, em carta a uma amiga, contou a história do nascimento do tempo, página singularíssima da história do pensamento moderno. Do desdiferenciado caos primitivo (informação zero) surgem formas diferenciadas. Por semelhança, primeiro; por proximidade, depois. Nasce o tempo. Nasce da diferença. Da diferença de formas. Onde não há diferença de formas não pode haver tempo.

Na pintura ocidental, dá para perceber e acompanhar a formação e a deformação das formas no tempo, do estático em êxtase de um Giovanni Bellini, ao cubismo (o tempo na miudeza do movimento real, estroboscopia), ao futurismo (o tempo ao neoplasticismo (em "Boogie Woogie", de Mondrian, já o tempo e a cor destruindo a forma), a Kandinsky, à arte concreta. No Kandinsky geométrico, que tem algo de amador, uma contradição, para não dizer um contra-senso: a forma é estática (espaço). Outro contra-senso: onde a forma parece mais conservadora, o tempo que vem

vindo por dentro se manifesta na sublevação contra-espectral, na cor pelo avesso: são os "fauves", é Matisse. Em Rothko, as cores escorrem umas sobre as outras como tempos que o tempo tem. As cores das nuvens e do céu. As cores do LSD. Que cor vermelha seria a de um vermelho deslocando-se a dois mil quilômetros por hora? E se ele, no caminho, capturasse outras cores? E se não houvesse mais fundo e forma?

A noite, quando as pálpebras baixam, há um eclipse total de sóis. O tempo no escuro é um outro tempo. Diverso do tempo das cores à luz do dia. Repouso cromático. Parêntese conservadora, o tempo que vem

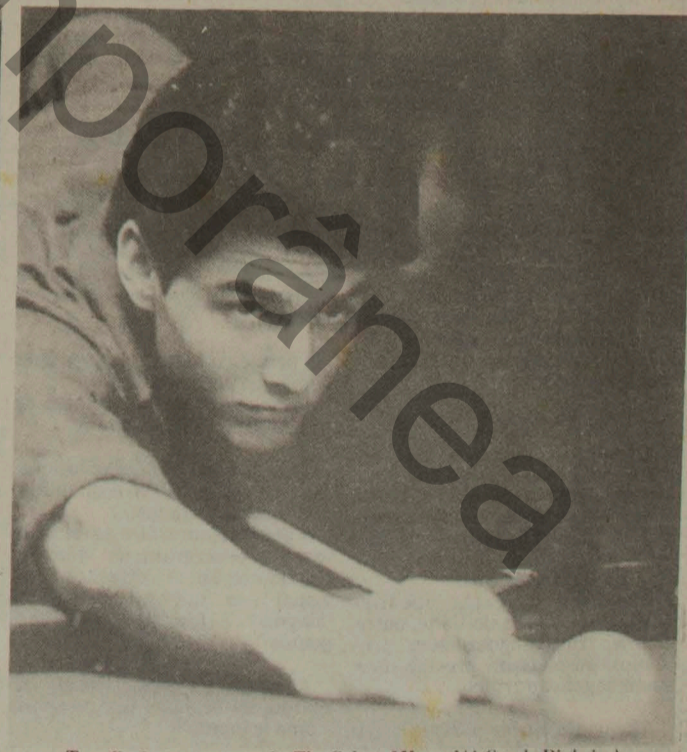


O cineasta Claude Chabrol participa do festival com o filme "Máscaras" (Masques), com Philippe Noiret (centro), que será exibido amanhã

Ilustrada



O diretor americano Jim Jarmusch terá sua curta "Coffee + Cigarettes" apresentada na mostra competitiva



Tom Cruise numa cena de "The Color of Money" (A Cor do Dinheiro)